

TEXTO

Painel D (Sala D. Maria) - Ecologia Urbana: Representações e Pessoas... a propósito do Morro da Sé'

Este painel foi organizado pela Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, contando também com a colaboração de um colega da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. O nosso objectivo, neste painel, será falarmos e reflectirmos sobre as pessoas que vivem nos espaços que agora se pretende reabilitar.

O nosso painel intitula-se **Ecologia Urbana: Representações e Pessoas... a propósito do Morro da Sé'**. Irão intervir:

- Luís Fernandes (FPCE-UP);
- Lurdes Veríssimo (FEP-UCP);
- Maria Carmo Carvalho (FEP-UCP);
- Mariana Barbosa (FEP-UCP); e
- António M. Fonseca (FEP-UCP) – como orador e moderador do próprio painel.

Não recorrendo ao modelo tradicional da apresentação, o painel decorrerá num modelo de “entrevista”, onde o público presente poderá também colocar as suas questões.

1. Lurdes Veríssimo (FEP-UCP) - 'O Poder das Representações'

Que começará por abordar o poder das representações, mostrando como a imagem que se constrói de um lugar pode afectar o modo como olhamos para quem lá vive e o modo como os próprios residente se vêem a si mesmos.

António Fonseca - A primeira questão que coloco é a seguinte: *“O que é que significa, sob o ponto de vista de psicologia social, viver num determinado sítio, num determinado Bairro? Qual é o poder das representações de se viver, por exemplo, no Morro da Sé ou em outros locais?”*

Lurdes Veríssimo - Falar sobre representações sociais, sobre um local do Porto, do qual eu não sou natural, poderia à partida parecer um contra-senso, e não ser a pessoa indicada para tal. Mas como podermos vir a constatar, por não ser natural dum determinado local, se calhar até me dá uma certa legitimidade de falar e reflectir sobre o que a psicologia das reapresentações sociais diz sobre esses espaços e abordar sobre o que a psicologia social nos diz sobre estes sítios enigmáticos, como o Morro da Sé.

E a este propósito conto uma história que se passou comigo, para introduzir esta lógica das representações.

“Há cerca de 16/17 anos, eu, no meu 1º ano da Faculdade, natural do Ribatejo, quase Alentejana, vim pela 1ª vez ao Porto, de comboio e de outros transportes, para efectuar um projecto de voluntariado. Quando cheguei ao Porto, tomei um táxi e pedi ao taxista para me levar, por favor, ao Bairro do Aleixo. O taxista, depois de me olhar de cima a baixo, perguntou-

me: desculpe, mas para onde quer ir? Tem memo a certeza que é para o Bairro do Aleixo? Olhei para o meu papel que continha a direcção e respondi, sim é para o Aleixo que pretendo ir. A forma como o taxista me pensou, me interpretou, me julgou ou me interpelou, está relacionada com o significado que estava associado aquele sítio, eu não partilhava o mesmo significado sobre esse local da cidade.

O significado atribuído aos locais depende de quê, afinal? Se pensarmos por exemplo em Moçambique, S. Tomé e Príncipe, que pensamos? Na pobreza, em voluntariado e desenvolvimento, ou num excelente sítio de férias. Mas o lugar é o mesmo! Aqui está o cerne da questão - a realidade não existe propriamente, ela é construída. O ser humano teoriza a realidade social, interpreta, atribui significados e constrói e interpreta a realidade, dando significados ao local, no fundo, constrói a sua realidade. Como dizia John Delay, “uma modalidade de conhecimento que é construída e partilhada no interior de um grupo acerca de um determinado espaço ou de um objecto social”.

Aqui está o grande cerce das representações sociais: se temos o mesmo espaço, ou o mesmo objecto social de um território, mas com significados diferentes, a modalidade do conhecimento, elaborado e construído com significados diferentes, vai ter importâncias diferentes e diferentes funções nas representações sociais.

Assim, podemos dizer as representações sociais tem um poder gigantesco

- As representações sociais atribuem significados, que podem ser radicalmente diferentes em função do mesmo espaço, do objecto, do mesmo local;

- Esse significado determina o comportamento do ser humano - eu ir ou não ir, gostar ou não gostar, ter medo ou não.

As representações sociais orientam o nosso comportamento. Se o mesmo espaço tem significados diferentes, o poder de comunicar sobre aqueles espaços depende da significação que lhe conseguimos dar.

- **António Fonseca – Coloco uma nova questão:** *“Acha que esse significado, e no caso concreto do Morro da Sé, em que são anunciadas uma série de obras de reabilitação, se este facto pode vir a mudar, daqui a 10 anos, a representação daquele local, e ser um lugar apetecível para outro público que hoje não vai lá?”*

Lurdes Veríssimo - Não sei se vai ter esse poder. Há outras variantes que poderão interferir nessa mudança e no seu significado. As representações sociais são dinâmicas e são continuamente alteradas e modificadas e esse potencial das representações deve ser tomado em conta. É como um iogurte, tem valor, mas tem um prazo de validade, no fim desse prazo tem de ser substituído.

É possível alterar as significações de locais que possam ter uma avaliação mais negativa, mais pejorativa a partir das alterações e das informações que lhe sejam introduzidas. Temos, como exemplo, um outro local da cidade, a zona dos Leões, zona actualmente de diversão, em que a sua significação foi, inesperadamente, alterada.

Pergunta do público: *“Como se mudam as representações sociais se elas são dinâmicas”*

Lurdes Veríssimo: Quando se representa “uma representação social dum local”, foi porque tivemos algumas informações, e visualizamos algumas situações chave. Para mudar é necessário pensar, incorporar novas informações sobre os espaços, vincular e divulgar para se pensar nos espaços e lhes dar novos significados.

2. Luís Fernandes (FPCE-UP) – 'O Território Ecológico'

António Fonseca - Luis Fernandes é um homem da Cidade do Porto, que se tem debruçado e escrito sobre a cidade. Tem reflectido sobre a questão do território, a ideia de um território e sua problemática, nomeadamente, sobre os territórios de margem.

Questão colocada: *“As representações sobre os territórios podem ser dinâmicas?”*

Luís Fernandes - Os territórios que eu estudei e investiguei foram os territórios de margem, considerados duros, ligados ao tráfego e consumo das drogas – A Sé e o Aleixo. Foi por volta dos anos 90 e eram efectivamente os locais com essa problemática, pois eram, neste âmbito, os mais nomeados pela comunicação social. Na altura o Aleixo, uma zona mais periférica da Cidade, mas a Sé, não, inserido no coração da cidade, o berço da cidade, e que estava de costas para ela, pelo próprio estigma que este local sempre teve.

Eu que vivi durante algum tempo na Rua S. João, próximo da Sé, e que via de minha casa, os topos dos edifícios do Morro da Sé, lá no fundo desenvolvia-se toda com uma malha urbana muito fechada e propicia a estas práticas ilícitas. Lembro-me que em 1995 a SIC fez uma reportagem sobre a Sé e sobre o problema das drogas, e nessa altura a PSP reagiu, fazendo uma forte e musculada investida no Bairro, durante 24 horas. De facto dentro do Bairro a situação acalmou e melhorou, mas porque os autores da droga saíram para fora do bairro e continuaram a actividade. E o resto da cidade, não se apercebeu de nada. E o mercado da droga continuou, pois é uma actividade com compradores e vendedores.

No entanto quando entramos nestes territórios de margem, como a Sé, verificamos que não são assim tão diferentes, há uma vida quotidiana normal, há uma relação de vizinhança e com os próprios comerciantes, com a mercearia, a padaria, ou a barbearia. De facto olha-se para o Morro da Sé e temos e sentimos estes dois símbolos concentrados mas opostos: Um “símbolo fortemente patrimonial, com valor histórico inigualável, reconhecido pela UNESCO”, e um outro, “a Sé como um sítio a evitar”. As tentativas de abertura do Bairro não têm sido bem trabalhadas.

A Sé é um Bairro fechado. Ainda hoje quem entra pela parte da Sé, pela Rua Escura, sente que este local está permanentemente a ser vigiado, por indivíduos ligados a actividades do foro ilegal e que descortinam qualquer forasteiro que por lá passe, dando aquele sinal de lugar fechado.

No entanto o Centro Histórico (CH) do Porto, nomeadamente o Morro da Sé, não é muito diferente do que se passa ou passou noutros CHs de cidades europeias. Os CHs têm características ecológicas, que potenciam actividades ilícitas, e que se querem resguardar de olhares públicos, como a sua malha urbana apertada, a sua população envelhecida, ou que já não está lá, e que não se identifica com o sítio.

E foi o que aconteceu com a Sé.

Este lugar está estigmatizado há muito tempo. O próprio Padre Américo, pároco durante anos do Centro Histórico e fundador da Casa do Gaiato, no seu livro escrito nos anos 40/50, que foi reeditado recentemente, possui textos sobre estes locais, sobre a pobreza, a caridade, o levar ao outro a comida, o conforto, a saúde, etc., um perfeito quadro da Sé.

A Sé tem este destino há muito tempo e tem demorado muito a reverter.

Questionado pelo público:

“sobre se as pessoas que foram do Barredo para o Aleixo, se gostaram de ir, e se pretendiam voltar”:

- Luis Fernades, respondeu:

Penso que queriam voltar, mas não tenho conhecimento de pessoas que tenham voltado, mesmo quando se construiu o Bairro da Lada.

Um caso de estudo dum doutoramento sobre a Rua de Trás, localizada no CH, mostra como esta zona está muito desertificada. Os moradores que ainda lá vivem já não são os de origem. As dinâmicas criadas na envolvente tem expulsado as pessoas que ia residiam. A própria reabilitação urbana pode conduzir à saída das pessoas. Neste processo as pessoas deveriam, poder optar entre o sair ou poder permanecer nos lugares, de valor patrimonial e não transformar estes locais reabilitados, só para pessoas com mais elevadas posses., locais como se dizia noutros tempos para “inglês ver”. Deveriam ser preservadas as pessoas, as tradições e escolher-se quem para cá vem.

O processo de expulsão das classes populares dos Bairros, como nos anos 70 na Ribeira-Barredo para o Aleixo, com a promessa de regresso, não se tem cumprido.

Como alterar esta questão? Em termos jurídicos não sei, mas a cada reabilitação, deveria estar associado algum estatuto social, e parte dos fogos deveriam ser para as famílias que saíram ou têm de sair por motivo de obras, para que não sejam obrigadas a despedirem definitivamente dos lugares que lhes são familiares.

Na reabilitação tem que haver um trabalho de convergência entre quem pensa os espaços,, quem reabilita, e quem ocupa os espaços.

A cidade é feita por quem lá vive, mesmo aqueles fenómenos da marginalidade, como os sem abrigos, têm que ter lugar numa cidade democrática. A cidade é de todos e não há lugar a expulsões. E o Porto tem um grande desafio pela frente.

3. Maria Carmo Carvalho (FEP-UCP- 'Juventude, Ócio e Espaço Urbano',

O meu estudo está ligado ao uso de drogas nas camadas jovens. Comecei a fazê-lo após a licenciatura e trabalhei com o Luis Fernandes, que para mim é uma referência no meu percurso. Fizemos inicialmente alguns estudos ligados aos consumos problemáticos, isto em finais dos anos 90, estando nessa altura ainda muito presente e preocupante o uso da heroína, mas já se previa a chegada de novos consumos e alterações ao comportamento da juventude, à semelhança do que se já ia passando noutros países.

O grande motor dessa mudança no nosso país deu-se com a chegada metafórica à representação colectiva do problema da droga, de novos públicos, particularmente da juventude e novas actividades, particularmente do ócio nocturno e da associação de consumos de substâncias aos contextos recreativos.

Comecei o meu trabalho, por estudar esta nova associação das drogas e do consumo, e o meu ponto de partida foi um trabalho do Luís chamado designado por “Os pós modernos, ou a cidade, o sector juvenil e as drogas”. Foi um trabalho que incidiu na Ribeira-Barredo, era um espaço de concentração das camadas juvenis.

No âmbito do meu trabalho, eu vou à procura desses espaços e não encontro essas camadas juvenis, encontro sim um certo esvaziamento. Esses locais que estavam associados à

juventude estavam então vazios. E porquê este cenário. Estamos no final dos anos 90, início de 2000. As razões são várias: essencialmente tem a ver com os interesses dos novos públicos que são diferentes. A Ribeira estava associada a uma faceta da música rock alternativa, e os novos públicos interessam-se pela música electrónica, e também pelos novos conceitos de fazer a festa que não se adequa aos espaços urbanos como a Ribeira. O ócio é deslocado para fora. Um processo de pesquisa no terreno, identifica outros pontos de oferta de ócio nocturno na cidade, que não o Centro Histórico, Massarelos, Zona Industrial e os focos de concentração da juventude multiplicam-se.

E esse esvaziamento na Ribeira, terá estes significados e eventualmente outros. Os consumos de substâncias não têm a ver com o território, propriamente, mas com a modalidade de fazer a festa.

Mais tarde, nos anos 2005, sou levada à recolha de novos dados para um novo projecto e encontro uma nova realidade com o ressurgimento a aparecimento de novos espaços de ócio nocturno, no Centro da Cidade, e que têm contribuído para que estes lugares, deixem de ser espaços inseguros e marginais. A juventude contribuiu, pela sua cultura e pelos seus hábitos, para normalizar estes espaços que estavam desertificados, e um pouco à margem da própria Cidade.

Curioso é verificar que estes movimentos, se têm instalado em locais a montante e a jusante do Morro da Sé. O Morro da Sé tem ficado sempre de fora destes movimentos ligados à animação e à juventude, fechado no seu próprio território. Conseguir-se introduzir a juventude neste miolo poderá ser importante, à semelhança do que se tem conseguido, e de forma positiva noutros locais.

4. António M. Fonseca (FEP-UCP) - 'Envelhecer no Local'

Há estudos com pessoas idosas, que vivem no meio rural e com idosos destas zonas degradadas, e as diferenças não são muitas. O grau de satisfação de quem vive no meio rural, ou no Morro da Sé, no Bonfim ou no Centro Histórico é de facto muito semelhante.

A qualidade de vida, ligada às questões modernas não é muito importante nas pessoas idosas. Constata-se que na cidade ou nas aldeias rurais, o que faz a satisfação é o conceito de "envelhecer no local" e que trás a satisfação de vida. A relação de proximidade, de confiança, o merceeiro ou o padeiro, aquele em quem se confia é mais importante que o próprio conforto da casa onde vivem.

As pessoas mais novas dão mais importância às questões materiais. O envelhecimento no Morro da Sé, a vontade de envelhecer neste local deve ser também acautelado neste local, nomeadamente em todo este processo de reabilitação.

Com estudos feitos no terreno é muito importante manter as pessoas no sítio, pois as questões subjacentes da proximidade, da confiança, dos afectos, é muito importante para se envelhecer melhor.

5. **Mariana Barbosa (FEP-UCP) - 'Investigar Escutando as Pessoas'**,

“**Restaurar Identidades**” é um trabalho de investigação entre os Departamentos de Conservação e Restauro e de Psicologia da Universidade Católica.

Este projecto, ainda numa fase inicial e de planeamento, envolve dois departamentos diferentes, aparentemente podemos até dizer que é uma combinação estranha de investigadores com interesses muito diferentes, mas sendo a Cidade das Pessoas, e a Cidade também são as Pessoas, há aqui um ponto comum, que é a importância de restaurar os edifícios e fachadas, preservando as memórias de quem vive ou viveu nesses mesmos espaços.

Aliás, em 2006, que a própria UNESCO (e daí o interesse do próprio Departamento de Restauro) criou uma convenção para a conservação e salvaguarda do património cultural e material, ou seja uma convenção que vai para além das questões mais materiais e que abrange as expressões culturais, os costumes, as tradições das comunidades. E nosso projecto é precisamente restaurar essas identidades,

A conservação das memórias das pessoas, manter os seus costumes, associados à restauração dos próprios edifícios é um trabalho de investigação que pretendemos a levar a cabo, e elegemos o Morro da Sé para este nosso primeiro trabalho de investigação.

Neste trabalho, contamos também com a colaboração da Porto Vivo, SRU, que possui contactos privilegiados com as pessoas que vivem neste território e vamos pedir aos residentes do Morro da Sé que nos mostrem, nos deixem entrevistar e fotografar as suas casas, para se conhecer a vivência das famílias, para tentarmos perceber, registar e preservar-se as suas memórias. Registar-se também as memórias de infância, as memórias associadas à saída das famílias do Bairro da Sé, e perceber quais são os sentimentos das pessoas relativamente a esta questão da reabilitação, saber o que se está a perder em termos de tradição e o que ganham os moradores com a reabilitação dos edifícios.